

Memória espacial e deslocamento em “O caminho de San Giovanni”, de Italo Calvino

Recebido 20, ago. 2004/Aprovado 25, set. 2004

Sheila Dias Maciel

Resumo

O conto “O caminho de San Giovanni”, de Italo Calvino, foi publicado em obra homônima, composta por cinco textos apresentados como exercícios de memória. Apesar da classificação, o conto não se dissocia de outras obras calvinianas consideradas como não-confessionais em que a espacialidade também aparece como estratégia memorialista. O espaço do conto, labirinticamente construído, é percorrido por um sujeito narrativo que se desloca entre o retorno impossível e o trilhamento do passado; a reconstrução do caminho até San Giovanni e a divergência espacial com o pai.

Palavras-chave: *memória; espaço; deslocamento; Italo Calvino.*

A liberdade histórica é poder se lembrar do sofrimento e do passado sem que esse peso seja negado ou diminuído, mas sem que tampouco se transforme em fardo inexorável; lembrar por amor ao passado e a seu sofrimento esquecidos, de certo, mas igualmente, lembrar-se por amor ao presente e à sua necessária transformação.

J. M. Gagnebin

Ponto de partida

Em sentido amplo, toda a literatura é uma forma de memória, visto que o vínculo com o passado é o motor de qualquer narrativa, no entanto só quando falamos em literatura memorialista ou em memórias (no plural) vem à tona o universo autobiográfico ou confessional, comumente apartado da obra de arte literária por ser confundido com “pura autobiografia ou simples tentativa de autorretrato psicológico” (MEYER, 1964, p. 171).

É por meio da memória que se constrói o texto de memórias e toda a literatura. Da memória às memórias, contudo, o caminho a ser traçado não se assemelha à reta que une dois pontos no espaço, mas sim a um feixe de hipérboles, já que as vozes que atuam na recuperação da memória vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores e fronteiras na construção do relato. É por meio da linguagem que o relato memorialista, ou qualquer outro relato, é construído: tecido de escolhas, silêncios, lembranças e imprecisões. Apesar disto, no universo literário é comum que o termo “memórias” seja compreendido como uma parcela da narrativa, apartada da “ficção”.

Na obra calviniana há uma sucessão de narrativas ficcionais de feição memorialista, ao passo que são poucas as formas de depoimento que se aproximam em parte de um relato autobiográfico, como a tradição sustenta.

Na sua longa trajetória literária, Italo Calvino produziu obras marcadas por questões dialéticas que, desde *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) até *Palomar* (1983), última obra publicada em vida, e ainda depois, nas publicações organizadas por sua esposa Esther Calvino, como os exercícios de memória de *O caminho de San Giovanni*, em grande parte circundam esquemas que buscam organizar o discurso segundo os moldes de um “eu” que retorna ao espaço do passado, mas não traz do passado nada além do que a sua própria falta.

Um exemplo interessante ocorre em *As cidades invisíveis* (1972). O romance é estruturado sobre duas formas narrativas, a do diálogo e a da descrição, distinguidos tipograficamente, e se completa justamente pelos fios que lançamos entre estas duas formas que, tecidas, transformam-se num enredo aparentemente simples, dentro dos moldes da narrativa como “forma artesanal de comunicação” (BENJAMIN, 1986, p. 205): O veneziano Marco Polo narra ao imperador Kublai Khan as cidades que conheceu durante suas viagens diplomáticas. As mirabolantes cidades descritas assemelham-se a

apólogos ou poemas em prosa e apesar de serem tão diversas entre si apresentam identidades indiscutíveis: "Kublai Khan percebeu que as cidades de Marco Polo eram todas parecidas, como se a passagem de uma para a outra não envolvesse uma viagem, mas uma mera troca de elementos" (CALVINO, 2001, p. 43).

De fato é pela memória que são construídas as cidades que Polo descreve ao melancólico Khan:

Em suas viagens, Marco Polo mobiliza os mecanismos da memória. Assim ao encontrar as belezas de uma cidade, já as conhece, por tê-las visto em outras cidades e por esta ótica vai se insinuando Veneza, a origem, que se mostrará irrecuperável (GOMES, 1994, p. 45).

As cidades, portanto, tendem a assumir, apesar das suas inquietantes diversidades, a forma da cidade natal do viajante: Veneza. Fazendo de todas as cidades, a única possível:

- As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se - disse Polo. - Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco (CALVINO, 2001, p. 82).

Ao confrontar-se com sua própria resposta, o viajante veneziano recupera sua historicidade anulada até então pelo contexto fabuloso de suas descrições. O que fica, no entanto, a essa altura do enredo, é menos o espaço para que o "eu" se realize na história que um "eu" diante de um passado irrecuperável, espaço marcado por perdas, desvãos e disjunções.

Também em *As cosmicômicas* (1992) é a memória que ordena o conjunto dos contos que giram em torno de um passado cósmico remoto: desde a formação das constelações até a época em que a Terra estava tão próxima da Lua que era possível subir até o satélite para recolher um pouco de ricota lunar, e ainda depois. O que há de comum entre todos os contos é justamente a memória do narrador Qfwfq, que presenciou tantos momentos importantes quanto a astronomia e a ciência podem precisar e que, portanto, tem muito a nos contar.

Assim, após as explicações científicas iniciais, eis que aparecem, como mote para o início de cada conto, os comentários em primeira pessoa do narrador: "Agora já estava claro que os tempos aquáticos haviam terminado, recordou o velho Qfwfq [...]" (CALVINO, 1992, p. 71); "Bem sei disto! exclamou o velho Qfwfq, vocês não podem se lembrar, mas eu posso." (CALVINO, 1992, p. 7); "Eu era criança ainda e já me dava conta, narrou Qfwfq" (CALVINO, 1992, p. 63).

A ficção memorialista configurada em *As cosmicômicas* faz parte da poética de Calvino. Não se trata de parodiar a ciência mas de continuar um discurso narrativo que é coerente dentro da obra calviniana: trazer para a cena um nosso antepassado, mas que não deixa de ser também nosso contemporâneo, uma forma de anular as distinções. A memória aparece, então, como um fragmento de um

jogo intelectual em que a imaginação visiva e os estilhaços da lembrança atuam na construção de cada conto.

Filho do neo-realismo italiano, o escritor transcendeu as amarras do movimento sem nunca, porém, deixar de considerar a realidade histórica que o circundava nem abandonar a leveza, que é a marca ficcional de seu estilo. Neste embate entre a realidade e a imaginação, é sua obra um terreno fértil para a investigação das questões referentes à escrita plural das memórias. O nosso objetivo é, portanto, desenrolar o labirinto espacial da memória no conto "O caminho de San Giovanni", por meio do fio da linguagem, aproximando este "exercício de memória" confesso de outras obras calvinianas consideradas como não-confessionais, em que a espacialidade também aparece como estratégia memorialista.

As memórias como reduto narrativo

Os estudos sobre a organização do espaço são fundamentais na compreensão dos processos de construção e desconstrução da memória, território fragmentário de representações que obedecem a lógicas específicas de funcionamento e que só se constitui pela maneira como o sujeito experimenta a linguagem.

As memórias, forma narrativa tradicional, são uma busca de recordações por parte de um eu-narrador com o intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, no qual este eu-narrador escreve. As memórias, desta maneira, podem se assemelhar a uma forma de proteção contra o tempo irrecuperável, mas são, principalmente, uma volta ao que nunca foi vivido.

Não podemos pensar em memória sem pensar em esquecimento. Lembrar e esquecer são as verdadeiras funções da atividade humana. Salvar o tempo das inexatidões da memória, salvar os pequenos detalhes do esquecimento, revivê-los com fidelidade, essa é a vontade humana, mas não existe vida sem memória, nem memória sem esquecimento. Esquecer e lembrar são as duas faces da moeda da vida.

Nesta perspectiva há uma problematização da categoria espacial, já que a narrativa das memórias propicia um retorno a um espaço reconstruído. A relação entre memória e espaço traz para a cena a impossibilidade de recompor o espaço. O que é comum num texto de memórias é encontrarmos um espaço cindido como o narrador, reticente, sem a clareza e a unidade da concreção física. A memória, faculdade humana, produz uma multiplicidade de visões sobre o espaço rearranjado das memórias, forma narrativa.

É comum o texto das memórias incluir uma forma de elogio à anacronia e à anatópia. O espaço rearranjado pelo sujeito costuma trazer para a narrativa uma inquietação e uma insistência em rearrumar o espaço perdido, devolvendo-lhe item por item de uma organização

irrecuperável. Se a construção do texto depende de devolver o espaço a cada ambiente perdido, pode ser concebida como um paradoxo, cristalizando o lugar da memória, o texto das memórias.

Entre a imprecisão do espaço das memórias e a concretude do mundo é comum que o texto produzido contemple fragmentos, imagens desconexas, imprecisões que reafirmem a busca pelo passado. A noção de "lugar", prioritariamente espacial se conjuga em espaço e tempo perdidos. A cronotopia da memória constitui o ponto de partida e a própria impossibilidade de recuperação.

O espaço é, ao mesmo tempo, a *conditio sine qua non* do texto de memórias e também o objeto, o lugar para onde o sujeito narrativo se direciona para representar seu passado, passado a limpo. O espaço das memórias constitui um palco, muitas vezes, labirinticamente construído, "Pois se o que foi retido jamais retorna da mesma maneira, a memória está sendo permanentemente produzida, assim como seu espaço correspondente" (COSTA; GONDAR, 2000, p. 83).

Memória espacial e deslocamento no conto "O caminho de San Giovanni"

O conto "O caminho de San Giovanni" abre o livro de mesmo nome, organizado por Esther Calvino e publicado pela primeira vez em 1990, ou seja, cinco anos após a morte do escritor.

Ler um exercício de memória confesso pode, *a priori*, encaminhar o leitor para um lugar específico, já que o padrão de leitura de obras confessionais se cristalizou através dos tempos, acendendo o desejo legítimo de satisfazer curiosidades sobre um eu-narrador que se diz idêntico ao nome que aparece na capa.

O que vamos encontrar no conto, no entanto, é menos o escritor que tenta por meio do narrador alcançar aquele que foi no passado que a inclusão da memória num projeto estético pré-existente em que a dimensão espacial se constitui como centro irradiador de memória.

O início do conto já é uma explanação espacial de cunho enciclopédico, bem ao gosto da narrativa calviniana, fundamentado na cultura científica e no interesse por explicações cosmogônicas:

Uma explicação geral do mundo e da história deve levar em conta, antes de mais nada, a localização de nossa casa, na região outrora chamada *punta di Francia*, a meia altura da encosta, sob a colina de San Pietro, como uma fronteira entre dois continentes (CALVINO, 2000, p. 17).

Assim como ocorre exemplarmente em sua obra literária, Calvino faz da narrativa uma forma de explicação do mundo que mantém acesa a chama do conhecimento, com a indicação de outros problemas que advêm da contingência. Calvino sinaliza seus textos com indicações filosóficas, lingüísticas, vernáculas, existenciais, multiplicando a história por meio do fio da linguagem.

No longo parágrafo inicial, que ocupa mais de duas das vinte e duas páginas que contém o conto, pode-se visualizar a cidade de San Remo, cindida pela divergência espacial entre o narrador e seu pai. Para esse “o mundo começava era dali para cima, e a outra parte do mundo, a de baixo, não passava de apêndice” (CALVINO, 2000, p. 17) e para aquele “era exatamente o oposto: para mim o mundo, o mapa do planeta, ia de nossa casa para baixo, o resto era espaço em branco, sem significados” (CALVINO, 2000, p. 18).

Muito mais que tecer comentários sobre a divergência entre ele e o pai por meio da autocomplacência comum nas memórias, o que “O caminho de San Giovanni” nos traz é um caminho trilhado que problematiza a escrita, trazendo para o palco da história o próprio estatuto da memória

[...] e nem sei direito se estou falando de uma idade em que nunca saía do jardim ou de uma idade em que sempre fugia por aí, porque agora as duas idades fundiam-se numa só, e essa idade e os lugares são uma coisa só, lugares que já não são lugares nem nada (CALVINO, 2000, p. 18).

À dificuldade em conceituar com precisão as categorias espaço e tempo segue-se, paradoxalmente, um descrição minuciosa do longo caminho que ia da casa à propriedade da família, San Giovanni, trajeto obrigatório – “Tínhamos de nos revezar para acompanhar nosso pai a San Giovanni, uma manhã eu e outra meu irmão” (CALVINO, 2000, p. 23). Descrever esse caminho é a tarefa do narrador que organiza espacialmente o passado pontuando o percurso com inúmeros monumentos: campanários, fábricas, edifícios, beudos, hospital ... todos nomeados e acompanhados de descrições e detalhes – pontas do *iceberg* da memória que funcionam como um apoio para a narrativa: “(os nomes, agora que as coisas não existem mais, impõem-se insubstituíveis e peremptórios na página, para serem salvos)” (CALVINO, 2000, p. 18), já que voltar ao passado é produzir, concomitantemente, memória e espaço.

Neste percurso íngreme e obrigatório, permeado de marcações, são também recorrentes as considerações sobre o pai e suas características, mas são considerações do narrador sobre o passado vistas do agora da narrativa, formando uma intrincada urdidura que une, pelo relato, enunciado e enunciação. De cada ponto espacial as colocações do narrador se perpetuam em direção à figura paterna, deslocando os passos pelo caminho trilhado pela memória: “O caminho de meu pai também levava longe. Do mundo, ele somente via as plantas e o que tivesse relação com plantas [...]” (CALVINO, 2000, p. 19); “Vocês não de compreender quanto nossos caminhos divergiam, o de meu pai e o meu” (CALVINO, 2000, p. 21); “caminhávamos lado a lado em silêncio pelo caminho de San Giovanni” (CALVINO, 2000, p. 21); “o percurso que meu pai seguia certamente era fruto de uma longa experiência e de sucessivos aperfeiçoamentos e retificações; mas agora já tinha se tornado como as escadas de casa” (CALVINO, 2000, p. 26).

Às explicações espaciais unem-se as referências ao relacionamento difícil entre pai e filho, deslocando o narrador do caminho anunciado para o caminho que precisa ser percorrido de fato. A mudança de direção, no entanto, acaba por trazer ao conto uma espécie de apelo labiríntico já que a cada etapa da espacialidade agregam-se inúmeras reflexões multiplicando o percurso e impossibilitando a chegada, ou a saída, por meio de inumeráveis circunlóquios.

O pensamento do labirinto é recorrente na obra narrativa de Calvino, composto por numerosas vias entrelaçadas e intrincadas, mas a noção e a imagem do labirinto apresentam variantes. De qualquer modo, o autor se recoloca na tradição do pensamento ocidental que parte do mito de Teseu para alcançar uma imagem de prisão, inerente ao mundo contemporâneo. No texto literário o conceito de labirinto pode assumir diversas funções. O labirinto pode ser concebido como imagem do mundo físico ou psíquico ou como imagem da existência. É um espaço para se perder, mas se como Teseu, caminha-se em direção à saída, chega-se a um conhecimento, verdade ideal ou existencial. Neste sentido o labirinto pode ser concebido também como imagem da criação artística. Assim, de um lado está o labirinto caótico do mundo e de outro está o labirinto como modelo racional de construção. Ao texto literário essas duas formas podem ser incorporadas. A primeira no âmbito temático e a segunda no âmbito da construção textual, mesclando aspectos de estrutura e de escrituras. Ambas contêm no entrave à saída uma forma de elogio ao labirinto, conjugado ora na certeza da saída ora na convicção de que a saída não existe.

A incorporação de aspectos labirínticos à obra literária funciona como uma representação escatológica do mundo. A recuperação deste parecer nos textos de Calvino traz para o debate a visão cosmológica de caráter pessimista que ronda a sua narrativa. O crítico Giuseppe Game classifica, de fato, o escrito como *labiríntico* (GRASSO, 1986, p. 116), mas é a crítica Ulla Mussara Schroeder que aponta, nos textos narrativos de Calvino, o conceito de *labirinto*, que é em muitos casos, substituído por noções diversas, como por exemplo, *construções*, *combinações*, *ordens geométricas* - conceitos que conotam a estrutura labiríntica ou elementos que dela advém (SCHROEDER, 1987, p. 159-169). O percurso a San Giovanni é descrito exemplarmente acentuando a dificuldade do trajeto tortuoso: "atravessada a ponte subíamos pela trilha de mulas de Tasciaire, íngreme e ensolarada também, mas retorta e variada" (CALVINO, 2000, p. 30); "mais adiante o *beudo* se perdia numa mata de juncos cerrados e sussurrantes, e tínhamos chegado à corrente. Era preciso rodeá-la com saltos em ziguezague entre as rochas brancas" (CALVINO, 2000, p. 31).

Se, por exemplo, em *As cidades invisíveis* a leitura como percurso labiríntico figura fora do texto, no espaço entre o último e o leitor real, em "O caminho de San Giovanni" a idéia do labirinto se situa na urdidura do enredo, na construção do percurso exemplarmente sem saída possibilitado pela memória, "pelas mil perdas que nos infligimos

e para as quais não há revanche" (CALVINO, 2000, p. 23) e pela impossibilidade de finalizar o percurso que se perpetua: "sinal de que a marcha matutina em direção a San Giovanni ainda continua, com sua dissensão, sinal de que toda manhã de minha outra vida ainda é a manhã em que cabe a mim acompanhar nosso pai a San Giovanni." (CALVINO, 2000, p. 23).

A partir da constatação perficiente de que o tempo se multiplica de maneira contínua, os dois "agoras" da narrativa vão ganhando seus contornos, ao lado do agora da enunciação ("Agora sim, do alto dos anos, vejo cada faixa, cada trilha, agora eu poderia apontar o caminho para mim mesmo que estou correndo entre as fileiras, mas é tarde, agora todos já se foram." (CALVINO, 2000, p. 37)) estende-se o agora do enunciado:

Agora estamos voltando. Eu ando curvado sob meu cesto. O sol está alto; da estrada carroçável mais próxima, na colina de San Giovanni, reboa um caminhão; aqui no vale o cinza das oliveiras e o sussurro da torrente abrandam as cores e os sons. Na outra encosta sobe uma fumaça da terra: alguém pôs fogo num monte de ervas daninhas. Meu pai diz coisas sobre a florescência das oliveiras. Não ouço. Olho o mar e penso que, em uma hora, estarei na praia. Na praia as moças arremessam bolas com seus braços lisos, mergulham na cintilação, gritam, respingam, a bordo de uma porção de pedalinhos (CALVINO, 2000, p. 37-38).

O desejo, compreendido em seu sentido etimológico de falta de luz e busca para suprir essa falta, desloca o narrador do labiríntico percurso a San Giovanni, d'"essa labuta de formigas" (CALVINO, 2000, p. 33), e o encaminha, numa projeção, para o oposto espacial do seu trajeto diário - a praia e o movimento da cidade.

Não sem o pesar da memória e sem a problematização do relato que se entrelaça à minúcia dos passos refeitos:

Caberia a mim aqui contar ainda cada passo e cada gesto e cada mudança de humor dentro da propriedade, mas tudo na memória toma agora um viés mais impreciso, como se, terminada a subida com seu rosário de imagens, eu fosse, a cada vez, absorvido numa espécie de limbo atônito, que durava até chegar a hora de apanhar os cestos e tomar o caminho de volta (CALVINO, 2000, p. 32).

A memória é apresentada como o índice de desvio e imprecisão que o texto pode abarcar, mas acaba por revelar o intuito que o leva à escrita das "páginas não completamente sinceras" (CALVINO, 2000, p. 35) e que o apego à espacialidade não pode encobrir:

[...] acreditava tocar o ponto culminante de minha saudade, mas nada disso, o resultado foi um catálogo frio e previsto: em torno dele, procuro em vão acender com estes comentários um halo de comoção: tudo permanece como então, aqueles cestos já estavam mortos à época e eu sabia disso, aparência de uma concretude que já não existia, e eu já era quem sou, um cida-

dão das cidades e da história – ainda sem cidade e sem história e sofrendo por isso – um consumidor – e vítima – dos produtos da indústria – candidato a consumidor, vítima que acaba de ser designada – e já os destinos, todos os destinos, estavam decididos, os nossos e os gerais, mas o que era aquele furor matutino de então, o furor que ainda persiste nestas páginas não completamente sinceras? (CALVINO, 2000, p. 34-35).

O desdobramento cronotópico, que existe entre o momento do enunciado e o momento da enunciação, "eu já era quem sou" (CALVINO, 2000, p. 34), efetiva a dificuldade de relação entre pai e filho, que se perpetua na história dentro da consciência da solidão existencial que faz parte da obra calviniana. *O caminho de San Giovanni* não se distancia da "aguda inteligência do negativo" (BENUSSI, 1991, p. 170), que faz do retorno espacial ao passado não um reduto do permanente e do invariável, mas, um elo da complexidade do problema existencial e político¹ deflagrados no curso da narrativa.

Voltando ao começo: o labirinto da memória e o projeto estilístico de Calvino

Segundo Esther Calvino, no prefácio de *O caminho de San Giovanni*, o volume que conteria uma série de exercícios de memória fazia parte das obras em andamento de Italo Calvino, inclusa dentro da lista que o escritor pretendia escrever e, portanto, de seu projeto estilístico.

A propósito da obra calviniana, o crítico Cesare Cases (CASES apud BONURA, 1992, p. 179) tece um questionamento centrado na noção de "pathos da distância" –, já que Calvino sente como necessário seu distanciamento das personagens que compõe para melhor observá-las; mas, no momento exato em que assegura, por assim dizer, a devida distância, essa se converte como um remorso, uma nostalgia, uma angústia ancestral de não poder conviver profundamente com as aventuras existenciais dos personagens criados.

No universo do escritor de memórias esse intrincado pathos se converte na cisão do sujeito que, ao mesmo tempo que se afasta de si para melhor observar o passado, não pode-se distanciar do narrador e da sua própria história "dele".

O caminho de San Giovanni não é um recorte de pura autobiografia ou simples tentativa de auto-retrato psicológico; o que encontramos no conto é muito menos o escritor que a escritura marcada pelas mesmas tensões, dissonâncias e esquemas geométricos, que ocupam o conjunto de sua obra.

Por meio de um voluntarismo cerebral genuíno, a memória se converte em labirinto e o fio da linguagem desloca o sujeito narrativo, ao lado do pai, num percurso silencioso, até San Giovanni, ou o retiro das trilhas obrigatórias em direção ao seu desejo de saber quem é –

¹ A narrativa é permeada de conjecturas sobre os intermináveis anos da guerra e da "penúria generalizada", que os levaria a residir em San Giovanni (p. 33).

deslocando da espacialidade para a reflexão existencial o narrador e personagem, que traça múltiplos percursos possíveis no embate entre o retorno impossível e o trilhamento do passado:

[...] e o que movia a mim, mais que as definições daqueles deveres que aos poucos iria me impor – era paixão feroz, dor de existir – o que mais podia nos impelir; ele a subir pragais e bosques, eu a me entranhar num labirinto de muros e papéis escritos? –, confronto desesperado com o que resta fora de nós, desperdício de si em oposição ao desperdício geral do mundo (CALVINO, 2000, p. 26).

Abstract

The tale "The way to San Giovanni", by Italo Calvino, was published in the homonym work, and it is composed of five texts, presented as memory exercises. Despite the classification, the tale doesn't dissociate itself from other Calvinian works, which are considered as non-confessional and in which the spaciousness appears as a memorable strategy. The space, built in a perfect labyrinth way, is traveled across a narrative subject that moves between the impossible return and the past trail; the rebuilt of the way until San Giovanni and the spacial divergency with the father.

Keywords: space, moving, labyrinth, memory

Referências

- BENUSSI, Cristina. *Introduzioni a Calvino*. Roma: Laterza, 1991.
- BONURA, Giuseppe. *Invito alla lettura di Calvino*. Milano: Mursia, 1992.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *As cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *O caminho de San Giovanni*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COSTA, Icléia Thiesen Magalhães; GONDAR, Jô. *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GRASSO, Giuseppe. Calvino dal neorealismo al labirintico. *Scuola e insegnanti*, Roma, v. 1, n. 3, p. 114-121, 1986.

MEYER, Augusto. *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964.

SCHROEDER, Ulla Mussara. Italo Calvino e il pensiero del labirinto. In: CHIMIRRI, Giovanna Finocchiaro. *Italo Calvino tra realtà e favola*. Catania: Cooperativa Universitaria Editrice Catanese di Magistero, 1987